
Historia de la educación (Edad Contemporánea)

autores	Alejandro Tiana Ferrer; Gabriela Ossenbach Sauter e Fernandes Florentino Sanz (coordenadores).
cidade	Madri
editora	UNED
ano	2002

Historia de la educación (Edad Contemporánea), obra que reúne artigos dos autores signatários e de seus colaboradores Federico Gómez R. de Castro (UNED), Manuel de Puelles Benítez (UNED), María del Mar del Pozo (Universidad de Alcalá), Agustín Escolano Benito (Universidad de Valladolid) e Julio Ruiz Berrio (Universidad Complutense de Madrid), apresenta-se como subsídio didático aos profissionais de educação que necessitam conhecer o sistemas educativos em que pretendem atuar. Entendem os coordenadores da obra que compreender o modo de constituição e a configuração mutante dos sistemas de ensino constitui elemento valioso para a formação desses profissionais, uma vez que a história não só pode oferecer os recursos intelectuais necessários para a análise e interpretação perspectivadas daqueles sistemas, como também permitir o desenvolvimento de uma consciência crítica, que os imunizaria contra os determinismos e as explicações intemporais dos fatos educativos de que participam.

Embora tendo definido previamente o público a que a obra pretende atingir de imediato, ou seja, os estudantes que desejam tornar-se profissionais da educação no sistema de ensino espanhol, compreendem os autores que estudantes e profissionais de outros países, bem como os diletantes, terão nela um bom guia e fundamento para incursões ulteriores à matéria. A resenha desta obra justifica-se, pois, pelo reconhecimento de sua valia para o leitor

brasileiro, que nela poderá obter informações preciosas sobre assuntos e realidades entre nós vagamente conhecidos ou, por vezes, absolutamente ignorados¹.

Advertindo que a obra não se pretende completa ou exaustiva, os coordenadores afirmam ter selecionado para suas considerações apenas os temas universais mais importantes e significativos para um estudante que deseja trabalhar no sistema educativo espanhol, motivo pelo qual, aliás, tais temas se alternam com outros especificamente espanhóis. Para esta seleção, distinguiram na evolução histórica da educação na Idade Contemporânea (iniciada com a Revolução Francesa e ainda inconclusa) três grandes períodos, a cada um dos quais se dedica uma unidade. Embora admitam que em cada um dos países considerados a gênese e a evolução do sistema de ensino público tiveram características diferenciadas, os coordenadores da obra postulam a existência de fenômenos comuns que permitem explicá-las como transformações de amplo escopo, que, tendo afetado primeiramente o mundo ocidental, converteram-se mais tarde em fenômeno universal. Os casos nacionais analisados no livro, entretanto, circunscrevem-se à mais imediata “vizinhança cultural e geográfica” e limitam-se, ainda de acordo com os coordenadores, aos países europeus cujos casos foram considerados relevantes para o cotejamento do caso espanhol, em cada uma das unidades. Tal decisão, assumida apesar dos inconvenientes do estreitamento e das prováveis acusações de eurocentrismo, teria atendido à necessidade de tratar os temas com maior profundidade.

Os coordenadores da obra entendem que os sistemas educativos constituem parcelas determinadas dos sistemas sociais, nos quais surgem e se desenvolvem, e a cujo desenvolvimento servem. Por este motivo, sua formação e evolução não podem ser explicadas sem a concorrência dos fatores coetâneos de ordem econômica, política, social e cultural a que se encontram relacionados. Assim, em auxílio à mínima compreensão histórica, os capítulos que abrem as três unidades do livro repassam em linhas gerais o “contexto histórico”, de-

1 Esta obra, entretanto, não se encontra disponível em livrarias brasileiras. Ela integra o catálogo de publicações didáticas da Universidad Nacional de Educación a Distancia. Para acesso a outros títulos, informações e serviços, recomenda-se a consulta ao *site* <http://www.uned.es>.

marcando o período e situando as grandes tendências que o configuraram, à maneira de um manual de história. Advertem os coordenadores, entretanto, que o leitor deverá aprofundar em outras obras os seus conhecimentos de história geral, a fim de que possa compreender melhor os processos educativos analisados.

A primeira unidade oferece uma visão panorâmica dos fatores que incidiram sobre a origem dos sistemas educativos nacionais nos países ocidentais selecionados (França, Alemanha, Espanha e Inglaterra), explicando como o Estado, entre finais do XVIII e princípios do XIX, tomou para si a tarefa de organizar um conjunto de instituições de amplitude nacional destinadas à educação formal, com o fim de oferecer ao menos o ensino elementar aos habitantes de seu território. O capítulo incide sobre os antecedentes imediatos do processo, situados no pensamento ilustrado do século XVIII e nos movimentos que culminaram com a queda do antigo regime na Europa, e sobre as relações entre Estado liberal e educação, no momento em que se promove a transição da “educação estamental” para a “educação nacional” e que se encarece a necessidade de os sistemas de ensino se converterem em agentes de difusão dos valores que promoveriam a consciência nacional e a integração da sociedade em torno da pátria. Justifica-se assim a preocupação daqueles Estados (com exceção da Inglaterra, apresentada como contraponto) com a instrução pública, embora seus projetos educativos não tenham tido aplicação imediata.

A segunda unidade trata da evolução dos sistemas educativos, de meados do século XIX à segunda metade do século XX, e põe foco na relação entre educação e industrialização, fenômeno que se encontrava em germe na unidade anterior (e circunscrito ao caso da Inglaterra), mas que, sobrepondo-se aos condicionantes políticos que definiram o estágio anterior de gênese dos sistemas educativos, marcou este período com influxos sobre a organização e métodos da escola primária (com a ascendência do desenvolvimento científico e tecnológico na compreensão dos processos didáticos e dos fins almejados pela educação) e sobre a organização do sistema educativo (com a disseminação da escola primária e a “segmentação” e progressiva “democratização” da escola secundária nos sistemas nacionais). Os condicionantes políticos, por sua vez, ressurgem na análise da reação dos setores conservadores da sociedade, destacadamente a Igreja,

diante dos princípios liberais que presidiram ao avanço do Estado sobre a escola pública no período anterior. Por fim, a crescente complexidade do pensamento pedagógico exige nesta unidade um espaço, ainda que breve, para o estudo das correntes que acompanharam a evolução e extensão dos sistemas escolares ao longo do século XIX.

Os sistemas educativos nacionais haviam prometido uma educação fundada nos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, mas um dos resultados de sua implantação foi justamente a segregação dos educandos por classes sociais ou por ramos diferenciados, com o que se formaram sistemas duais ou bipolares. Em consequência, os conflitos sociais, que foram aumentando ao longo do século XIX, fizeram-se sentir também no mundo educativo, permitindo o aparecimento de diversos grupos e movimentos, que reivindicaram modelos alternativos e efetivamente igualitários. Dentre todas as tendências que influíram sobre a configuração dos sistemas educativos, a obra apresenta o socialismo, o fascismo e o movimento da Escola Nova, para a análise do qual os coordenadores sabiamente fizeram alargar-se o âmbito cultural e geográfico previamente definido, para que fossem abarcados os Estados Unidos, país para onde, ao longo deste período, o eixo civilizatório francamente foi se deslocando.

A terceira unidade dedica-se à reconstrução dos sistemas educativos depois da Segunda Guerra Mundial, evento cujo impacto foi decisivo, tanto sobre as condições materiais das nações envolvidas, como sobre os modos de pensar a educação e a formação do homem. Pode-se afirmar que o impacto da guerra tenha acelerado transformações anteriormente anunciadas nos sistemas educativos, marcando o período com a expansão quantitativa, a abertura a novos públicos e a contribuição de tais sistemas para o desenvolvimento de novas formas de organização política e social. Neste processo de *democratização*, que não foi linear e homogêneo, podem ser identificadas várias fases (diversificadas consoante os blocos geopolíticos então formados): a fase de reconstrução dos sistemas educativos nacionais, fundada na revisão e redefinição dos níveis educativos e de seus currículos; a fase de expansão e desenvolvimento, orientada pela convicção de que a educação era fator chave para o desenvolvimento econômico; a fase de revisão crítica, em que as contradições e lacunas dos sistemas de ensino são vigorosa-

mente criticadas, conduzindo à chamada *crise mundial da educação*, que teve lugar durante as décadas de 1970 e 1980. A derradeira fase caracteriza-se pelo acionamento de mecanismos de reforma permanente dos sistemas educativos e pelo enfrentamento entre as políticas neoliberais e social democráticas em matéria de educação. Deixada de lado na presente obra, dada a sua proximidade e à “necessidade de novos estudos”, a última fase foi substituída por um capítulo consagrado à evolução da educação na Espanha durante o franquismo, com o que se pretendeu atender aos interesses específicos do público-alvo primordial da publicação.

Por terem querido salvaguardar o caráter didático da obra e a sua unidade, os coordenadores adotaram um esquema similar para o tratamento dos temas, procedimento que resultou em capítulos equivalentes em extensão e linguagem, de compartilhada e coerente perspectiva de análise. Com efeito, cada um dos colaboradores parece ter sacrificado o estilo pessoal em favor da coerência integral e da clareza de exposição, o que conta pontos positivos na avaliação da obra. Didaticamente orientadas são também as *caixas* com cronologias, biografias e conceitos-chave, que complementam os textos. Cada unidade inclui uma bibliografia comentada, para aprofundamento ulterior (a cargo do leitor), além de pequenas antologias de documentos considerados fundamentais para a compreensão dos temas.

Destaque-se como positiva a opção, bem sustentada, de marcar os períodos da história da educação contemporânea por seus critérios intrínsecos, comprovando mais uma vez que a abordagem dos fatos educativos pode ter autonomia relativa diante dos fatores políticos e econômicos, sem que, entretanto, o peso destes seja ignorado ou dispensado na análise daqueles. Também valorosa é a alternância de antigos e novos temas da história da educação, ambos sustentados pelas mais recentes contribuições das pesquisas realizadas na área. A propósito, teria sido interessante incluir tópicos que, sem serem exaustivos ou desviarem-se do foco principal das análises (o Estado), trouxessem à cena com maior destaque os alunos e suas famílias, os professores e suas práticas cotidianas, os livros de leitura e os demais impressos de caráter pedagógico, de circulação e uso internos ou externos à escola.

Por fim, um reparo a ser feito: com a ausência gritante de Portugal, o critério de vizinhança cultural e geográfica, alegado para a

seleção dos países cujos casos são estudados, vê-se contrariado. Já na primeira unidade, a publicação não apresenta a gênese do sistema educativo do país que, ao lado da Espanha, conforma a tradição cultural ibérica, fazendo com que o leitor perca a oportunidade de acercar-se de fatos relevantes como, por exemplo, as reformas pombalinas da instrução pública. Encabeçadas pelo Marquês de Pombal e forjadas no peculiar Iluminismo português – progressista, reformista, nacionalista, humanista e católico –, tais reformas teriam ilustrado bem os temas da *secularização* (com a expulsão dos jesuítas, que até então monopolizavam a educação no reino) e da *modernização dos métodos de ensino* (com a introdução da filosofia moderna e das ciências naturais na Universidade de Coimbra).

Em que pese a lacuna mencionada, a obra em epígrafe reúne as qualidades exigidas por sua destinação primeira: clareza de objetivos, delimitação precisa, atualização, linguagem simples e uniforme, coerência entre os diversos autores, bom uso de recursos de apoio ao texto. É uma boa obra a recomendar aos estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação, que com sua leitura poderão obter uma base sólida para os aprofundamentos necessários à compreensão da rica trama da história da educação contemporânea.

Bruno Bontempi Júnior
Professor do Programa de Estudos
de Pós-Graduação em Educação:
História, Política, Sociedade da Pontifícia